

ALEKSANDRA CUNHA LOPES

O SOM DO SILÊNCIO  
PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em

Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adela Stoppel de Gueller

**COGEAE – PUC/SP**

**2019**

# O SOM DO SILÊNCIO

## PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

### RESUMO

Embora Freud não tenha um trabalho específico sobre Educação, o tema era de seu interesse e é recorrente em sua obra, podendo ser observado em muitos dos seus textos do início ao fim de sua obra.

O pai da Psicanálise sempre demonstrou grande interesse em estender a psicanálise a outros campos, propondo pensa-la além da clínica, principalmente no campo da cultura. Em suas experiências clínicas e pesquisas teóricas sobre as questões psíquicas que constituem o indivíduo como sujeito, Freud também adentra, ainda que sutilmente, no campo da educação.

Este trabalho tem como objetivo provocar reflexões sobre as possíveis articulações entre Psicanálise e Educação, e baseados na obra freudiana pensarmos se é possível aplicar psicanálise à pedagogia. ou seja, se existe a possibilidade de uma “educação analítica”, com objetivos profiláticos à neurose, na tentativa de evitar o adoecimento e sofrimento humano.

Para que possamos estabelecer uma linha de pensamento entre as possibilidades de intersecção dos campos da Psicanálise e da Educação, proponho nos capítulos que seguem articularmos os principais pensamentos de Freud sobre psicanálise e educação, suas críticas à educação, as características psíquicas do desenvolvimento infantil, a criança e suas relações com seus primeiros objetos de amor, e a escola como campo de educação e de transmissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise – Educação – Transmissão - Infância

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adella de Gueller, por estar sempre pronta a me ajudar, pela escuta atenciosa e por compartilhar comigo seus conhecimentos, levando-me ao interesse ainda maior em desenvolver este trabalho de pesquisa.

Aos colegas da turma da Pós-Graduação, pelas discussões sobre psicanálise, pela amizade e por fazerem parte deste momento tão importante da minha formação acadêmica.

A minha família, pelo apoio, por todo incentivo e principalmente por dividirem comigo momentos de alegria e angústia que fizeram parte do processo de desenvolvimento deste trabalho.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I: QUAL É A LINGUA QUE NOS UNE?	7
CAPÍTULO II: FREUD E A EDUCAÇÃO	15
CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE	22
CAPÍTULO IV: SEXUALIDADE, MORALIDADE E SABER	31
CAPÍTULO V: A CRIANÇA E O OUTRO	36
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

## INTRODUÇÃO

Freud não nos deixa nenhum tratado específico sobre educação, porém adentra ao assunto em muitos de seus textos, principalmente aqueles em que discute sobre civilização e cultura, deixando assim muitas contribuições aos psicanalistas contemporâneos que se dedicam aos estudos sobre o tema.

Na história da psicanálise podemos observar muitas tentativas de encontro entre a psicanálise e a educação, mas essas tentativas não foram muito felizes, a não ser nas áreas da educação inclusiva e em trabalhos para crianças com transtornos graves, onde a prática da aproximação dos dois campos é muito observada. Podemos dizer que para alguns psicanalistas este é um encontro impossível.

Porém o “namoro” entre psicanálise e educação ainda hoje é um tema que permeia os dois campos, principalmente o da psicanálise e os textos freudianos continuam sendo a premissa para as interrogações, estudos e discussões sobre o tema.

No decorrer deste trabalho destacamos alguns temas que sinalizam questões importantes para pensarmos sobre as contribuições da psicanálise à educação.

O primeiro capítulo traz um pequeno recorte da minha experiência como professora de educação infantil, não como a apresentação de um caso clínico, mas com o intuito de levar o leitor a adentrar por alguns instantes no ambiente escolar e observar uma das muitas experiências e adversidades desse ambiente, atravessando e podendo fazer marcas a vida dos profissionais e alunos que o compõem.

O segundo capítulo, *Freud e a Educação*, adentramos às primeiras ideias de Freud sobre a aplicação da psicanálise à educação como uma possível profilaxia das neuroses, suas críticas a educação repressora de sua época e as dificuldades da sociedade em compreender e aceitar a importância da sexualidade infantil para o desenvolvimento do sujeito.

No terceiro capítulo, discutimos sobre as possíveis contribuições da psicanálise à educação apontadas por Freud, articulando com os primeiros anos de vida e o desenvolvimento psíquico da criança. Abordaremos a importância do ambiente escolar, como um espaço singular que pode oferecer a criança experiências que a auxiliarão a se tornar um sujeito social.

No quarto capítulo adentramos ao tema da moral sexual civilizada, e aos apontamentos de Freud sobre seus prejuízos à saúde do homem, principalmente no que diz respeito a tentativa de anular suas pulsões, causando prejuízos ao desenvolvimento da intelectualidade, do pensar.

Por último, no quinto capítulo, abordaremos as relações psíquicas da criança desde seus primeiros objetos de amor, seus pais, sua “herança emocional”, e a importância do lugar que professor pode vir a ocupar na sua vida, possibilitando ou não a transmissão.

## QUAL É A LÍNGUA QUE NOS UNE?

Neste capítulo contarei a vocês um recorte da minha experiência como professora, minhas descobertas, inquietações e surpresas em um ano de trabalho com uma turma de educação infantil. Nesse período eu ainda não havia iniciado minha graduação em Psicologia, que só se deu alguns anos depois dos fatos que lhes contarei, também não conhecia a psicanálise, tão pouco sabia diferenciá-las. Minha formação do Ensino Médio se deu no antigo magistério, como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Em meados dos anos 2000, eu trabalhava como professora de Educação Infantil, mais especificamente numa turma de Pré II, que recebia alunos de 4 e 5 anos de idade.

O colégio era uma instituição privada com cursos que iam do berçário aos primeiros anos do ensino fundamental.

Iniciávamos mais um ano letivo e como sempre as primeiras semanas são um período de adaptação das crianças à escola, professores e novos amigos.

Eu iniciava o ano com uma turma que em sua maioria era formada de crianças que já eram alunos da escola dos anos anteriores e, portanto, já nos conhecíamos. Também receberíamos alguns alunos novos. Essa turma também era formada por muitos alunos que permaneciam na escola em período integral, passavam o dia na escola, iam chegando durante a manhã, quando aconteciam as atividades recreativas e a tarde, após o almoço, quando acontecia o período formal da aula, juntavam-se ao grupo os alunos que eram de meio período da tarde.

No primeiro dia de aula recepcionei todos os alunos e entre eles uma criança a quem vou chamar de Otávio.

Otávio chegou um pouco após o horário da entrada, muito tímido se sentou junto as outras crianças do grupo que já faziam uma atividade. Eu fiz as devidas apresentações, dele aos amigos e vice-versa. Algumas crianças fizeram comentários falando sobre si mesmas, mas Otávio ficou quieto observando o

grupo, sem fazer nenhum comentário e quando questionado não respondeu se já havia frequentado outra escola.

Feitas as apresentações fui verificar as agendas, (nessas turmas de educação infantil é bastante comum o uso de agendas ou cadernetas para comunicação entre pais e professores) e fichas informativas com dados da saúde das crianças que são enviadas a escola no início do ano. Para minha surpresa ao terminar de ler a ficha informativa dele, notei que o verso estava todo escrito, como uma carta.

Ali sua mãe dizia que Otávio era uma criança que não falava, que ele já tinha passado por outras escolas, mas que devido a sua dificuldade de comunicação ele não tinha se adaptado. Ela dizia também que o fato dele não falar se dava por uma questão emocional, que ele não tinha nenhuma questão fisiológica e que fazia acompanhamento emocional com uma profissional.

Fiquei surpresa em não ter sido comunicada sobre isso pela direção e aos questioná-los fui informada de que os pais ao irem conhecer a escola e conversar com a coordenação não tinham mencionado a dificuldade de fala dele. A surpresa era de todos. A Direção sugeriu ligarmos para a mãe, eu sugeri que aguardássemos um pouco, queria pensar sobre o que acontecia ali. Depois de ler e reler aquela carta muitas vezes, pedi que a ligação não fosse feita. Tentava entender o porquê dos pais terem optado em comunicar-se com a escola daquela forma, o que os impedia em falar sobre isso ao realizar a matrícula quando estavam frente a direção e tinham tido oportunidade de dizer-lhes tudo que achavam importante sobre o filho. Achei por bem respeitar aquele silêncio e tudo que poderia ter acontecido na experiência deles até chegarem ali. Talvez não fosse só Otávio que tivesse dificuldade em falar.

Voltei para a sala e enquanto as crianças brincavam, eu as observava. Notei que o grupo tentava interagir com ele, mas que ele, muito tímido, não respondia. Após muitas investidas dos amigos ele emitia alguns sons, mas nem os amigos e nem eu, entendíamos o que ele dizia.

Chamei-o à minha mesa e tentei algum tipo de comunicação, pois eu não tinha idéia do grau de dificuldade dele em falar, todas as informações da carta eram

bastante vagas para mim, eu não sabia se ele falava pouco, ou se não falava absolutamente nada. Nessa tentativa de comunicação percebi que ele me entendia e na tentativa de responder-me, emitia sons, um balbuciar próprio com pouco valor sonoro, e mesmo sendo muito precária a comunicação, me parecia existir ali um investimento da parte dele em fazer-se entender. Parecia tratar-se de uma linguagem própria.

Eu sabia que as outras crianças não demorariam muito a perceber que ele não falava e me parecia que ele estava apreensivo com aquela situação, muito quieto, com o olhar sempre para baixo, não parecia se sentir confortável em estar ali. Tudo o que eu pensava naquele momento era em como acolher aquela criança e como integrá-la ao grupo. Observando o grupo e a reação dos alunos quanto ao silêncio do novo amigo, eu pensava em alguma maneira de que eles tomassem conhecimento da dificuldade do novo colega de uma forma que promovesse uma aproximação e não um afastamento.

Juntei-me ao grupo, nos sentamos todos no chão, numa grande roda, para fazermos uma atividade. Ele, sério dirigia a mim um olhar arregalado e assustado. Então eu disse ao grupo que o Otávio tinha vindo de um outro lugar, que eu não sabia bem de onde era, e que ele não sabia falar a nossa língua, porque do lugar de onde ele vinha falava-se uma língua que nós também não conhecíamos e que portanto precisávamos ajudá-lo e quem sabe até ensiná-lo a falar algumas palavras da nossa língua. Eu não tinha certeza se aquilo era o melhor a ser feito, mas foi o que me foi possível pensar diante aquela situação. Ele me olhou, com um sorriso tímido no canto da boca, que interpretei como que, de alguma forma, ele parecia ter entendido e concordado com o que eu dizia.

As crianças ficaram muito entusiasmadas, entendiam em fim o motivo pelo qual ele não estava conversando com eles e estava tão tímido, queriam conhecê-lo melhor, diziam que ele não precisava ter vergonha. Todos queriam apresentar a escola a ele e tentavam algum tipo de comunicação, queriam ouvir a língua do amigo também. Eu via ali pela primeira vez depois de algumas horas um olhar na direção dos amigos e uma tentativa de comunicação também por parte dele. Sua fala era muito precária, os sons que ele emitia era formados por apenas uma sílaba e nós não entendíamos nada do que ele dizia. Porém, isso não foi uma

questão para aquelas crianças, que recebiam o amigo como novo integrante daquele grupo.

Eu sabia da gravidade da ausência da fala, mas não tinha dimensão do quanto este fato tinha acometido aquela criança até então.

Nesse primeiro dia de aula, na saída fui até o portão entregar Otávio para mãe como fazia com todas as crianças. A mãe me perguntou como tinha sido o dia e eu respondi que tinha sido ótimo, que tudo tinha corrido bem e que ele já tinha feito amigos. Ela ficou me olhando surpresa como se esperasse algo de mim. Dei um beijo em Otávio e disse que o esperava no outro dia. A mãe voltou-se questionando-me se estava tudo bem mesmo, e mesmo com a minha afirmação, que sim estava tudo bem, insistiu em me perguntar se eu tinha lido o que ela havia escrito no verso do informativo e se eu queria conversar com ela. Eu respondi que tinha lido e entendido e que claro eu tinha algumas dúvidas, mas que estávamos num período de adaptação e como acontecia com todas as crianças da turma estávamos nos conhecendo. Pedi a ela que aguardasse a reunião com os pais que aconteceria dali a quinze dias, ali teríamos oportunidade de conversar um pouco mais sobre ele. Ela se mostrou bastante surpresa e disse que eu poderia ligar ou procurar por ela caso tivesse algum problema ou dúvida em relação a ele.

Eu não sabia muito bem como lidar com aquela situação, mas pensava que seria importante para nós que aqueles pais, assim como aquela criança, pudessem ocupar um lugar em seus grupos, ele no seu grupo de amigos e os pais no grupo de pais. Obviamente tinha muitas coisas a saber sobre ele, mas eu acreditava que era importante que nós tivéssemos a oportunidade de nos conhecer, que pudéssemos criar uma relação sem pré-conceitos e muitas informações externas. Apesar de muito respeito aos pais, penso ser preciso dar voz as crianças e que a escola é um excelente lugar para que isso possa acontecer, portanto não seria diferente com aquela criança, que embora não fizesse uso da mesma linguagem que nós, poderia ter a oportunidade de encontrar uma forma de “falar” sobre si mesma.

Nos dias seguintes a entrada de Otávio era sempre difícil: agarrava-se ao pescoço da mãe, chorava muito e com muito esforço eu conseguia convencê-lo

a vir no meu colo, embora já fosse uma criança grande, com cinco anos, essa era a única forma de fazê-lo entrar. Ele ficava muito bem depois da entrada, mas essa separação da mãe era muito dolorosa, tanto para ele quanto para ela. Isso se repetiu durante aproximadamente uns dois meses.

Em sala de aula eu fui me dando conta de que embora ele já tivesse frequentado outra escola, apresentava uma defasagem importante de conhecimentos: não reconhecia as letras nem os números e seus desenhos eram muito rudimentares, não tinham formas, ainda fazia rabiscos rígidos e não fazia círculos, o que já é esperado para uma criança da idade dele, principalmente aos que frequentam a escola. Como professora eu pensava que se por um lado ele parecia estar numa idade avançada para não ter conseguido desenvolver-se nessas áreas, por outro ele ainda era muito pequeno para não ter a chance de fazê-lo. Pensava que havia muito a fazer por aquela criança e que ainda estava em tempo de ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades.

Otávio também tinha o hábito de sair correndo da sala. Sem nenhum motivo, se levantava e saía correndo pela escola, entrando em todas as outras salas que estivessem com a porta aberta. Eu tinha que ir atrás dele, ser firme e explicar que a sala dele era a nossa, que ele fazia parte de um grupo e que embora ele pudesse ter amigos em todas as outras salas, não poderia sair sem avisar. Aos amigos eu sempre dizia que ele ainda não conhecia muito bem as regras do nosso colégio e nem entendia muito bem como se comportar ali, mas que aos poucos ele ia aprender. Eu acreditava no que eu dizia.

É próprio da criança pequena, principalmente nos primeiros anos escolares ter dificuldade em ficar por um período longo sentada em uma cadeira ou limitada a um único espaço. Eu entendia que aquela criança tinha um pouco mais de dificuldade do que os demais amigos, mas pensava que ele conseguiria. Então sempre que possível propunha atividades dinâmicas e nós saíamos para fazê-las em outros locais da escola.

Penso que era preciso garantir que a criança pudesse experimentar e que não devíamos exigir dela que se comportasse como um adulto em miniatura. Era preciso garantir a ela o direito de ser criança em sua plenitude.

Eu tinha um grupo de dezesseis alunos e um programa com objetivos pedagógicos para cumprir, porém não podia ignorar o fato de que tínhamos uma criança no grupo com um grau de dificuldade muito maior que precisava ser acolhido. A partir daquele momento eu tinha que repensar todo o plano de trabalho que já estava preparado para aquele ano. Minha prática precisava ser repensada, eu tinha que considerar as dificuldades observadas naquela turma. Minha prática começava a ser pensada e reconstruída a partir das questões que iam se apresentando dia a dia.

Estávamos iniciando um processo de alfabetização e eu não podia ignorar o fato de que Otávio não falava, não conhecia as letras, os números e não desenhava. Eu precisava desenvolver atividades que pudessem lhe proporcionar o conhecimento e aprendizado desses conceitos, não em relação a fala em si, mas aos outros conceitos que são pressupostos básicos para a alfabetização.

Eu procurava fazer atividades práticas, e envolvia todo o grupo em jogos, brincadeiras e atividades diferenciadas que muitas vezes aconteciam em lugares e ambientes diferentes pela escola, sempre na tentativa de que ele pudesse se apropriar de alguns conceitos sem que os outros alunos fossem prejudicados ou ficassem cansados de estar em contato com o que já conheciam. Eu precisava sempre dar um passo para trás em relação aos conteúdos, para depois poder avançar.

Todos os dias eu precisava pensar em algo diferente, as aulas eram muito dinâmicas e obviamente muito trabalhosas. Eu tinha um compromisso com a escola, um objetivo para o grupo, e principalmente um compromisso ético e moral com aquelas crianças. Eu sabia que eles não iam aprender todos da mesma maneira, porque cada um tem dificuldades e questões psíquicas e cognitivas diferentes, o que faz com que o aprendizado de um grupo não aconteça de forma linear. Otávio provavelmente não aprenderia tudo o que estava sendo visto ali, nem eu tinha o objetivo fazer com que ele se equiparasse ao grupo, mas eu acreditava que ele era uma criança capaz de aprender muitas coisas e esperava colaborar para que o que fosse possível a ele aprender fosse feito de uma forma digna.

Com o passar dos meses fomos percebendo muitas investidas dele na tentativa de fala, já podíamos observar outros sons na voz dele, embora ainda não houvesse sucesso em conseguir pronunciar algo que conseguíssemos entender. As crianças estavam sempre tentando ensinar alguma palavra a ele, e ele parecia achar aquilo muito divertido. A socialização dele com o grupo foi acontecendo de uma forma natural, em pouco tempo ele estava integrado ao grupo, já brincavam e já brigavam também.

Passados uns dois meses de aula Otávio começou a chorar também na hora da saída, repetia comigo o comportamento que acontecia na entrada para com a mãe, agarrava-se ao meu pescoço, chorava e custávamos a conseguir fazê-lo ir para o colo da mãe. Esse fato me deixava muito surpresa, e parecia deixar a mãe desconfortável. Eu tentava dizer a mãe que a tarde tinha sido muito divertida e que ele não queria parar de brincar e por isso resistia a ir embora, o que é muito comum nessa fase. Eu temia que os pais o tirassem da escola.

Algo simbólico e importante acontecia ali, mas naquele momento não sabíamos muito bem como o nomear.

Quando tivemos o primeiro passeio fora da escola, encontramos muita resistência por parte da mãe em deixá-lo participar. Ela dizia que ele nunca tinha ido a um lugar público sem os pais, que não sabia se comportar e que ele ia dar trabalho. Eu disse a ela que crianças davam trabalho mesmo e que ele não era diferente das outras. Foi preciso pedir que ela desse um voto de confiança a escola, a ele e a mim, e que embora eu não pudesse garantir nada em relação as fatalidades que a vida pode nos impor, podia garantir que faríamos todo o possível para que ele ficasse bem no passeio. Eu pensava que seria muito importante para ele participar de uma atividade externa, estar num local público com seus amigos, sentir-se livre daqueles muros que nos protegiam do mundo externo e nos impossibilitavam do contato com outras pessoas. Com muito custo conseguimos a autorização da mãe para que ele fosse ao passeio e tudo se deu normalmente, ele se comportou como todas as outras crianças, como era esperado. No retorno ele estava muito feliz e todos nós ficamos felizes por ele também.

Próximo ao meio do ano, percebíamos que a tentativa de comunicação por meio da fala ia se tornando mais frequente, na verdade ele não fazia mais questão de ficar quieto como no início, usava sua linguagem “própria”, seu balbuciar para falar e ia incluindo novos sons e sílabas.

Um dia eu estava sentada em minha mesa olhando os bilhetes dos pais nas agendas, quando ouvi uma criança dizer: Ale, todos me chamavam de Tia Ale, para minha surpresa quando levantei meu olhar ele estava lá, Otávio estava na minha frente para me dizer algo. Nossa surpresa foi grande, perguntei a ele se ele tinha me chamado e ele repetiu meu nome, Ale. As crianças ficaram muito excitadas e repetiam que ele tinha aprendido a falar e tentavam fazer com que ele falasse o nome delas também. A partir desse dia as palavras foram vindo aos poucos, logo ele já dizia xixi, quando queria ir ao banheiro e água quando tinha sede, ele já não precisava sair correndo da sala nem para ir ao banheiro, já conseguia fazer-se ouvir. Até o final do ano ele já conseguia dizer muitas outras palavras e frases simples. As diferenças dele para com o grupo foram se extinguindo, ele não era mais uma criança que não falava. Otávio permaneceu na escola, no mesmo grupo e seguiu para outros anos da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Sem dúvida todos ganhamos muito durante esse ano, eu particularmente tive a oportunidade de aprender muito sobre como ser professora, como me questionar e me posicionar entre os objetivos pedagógicos, a ética e a dignidade humana. Embora a formação do professor seja muitíssimo importante, é preciso muito mais do que conhecimentos específicos e estudos sobre a infância para que a transmissão acontecesse. É preciso estar disponível ao aluno, observar as dificuldades daqueles que estão ali para desenvolver-se e conseguir pensar sobre elas. Essa tarefa não é fácil nem simples e foram as que me levaram a pensar que a psicanálise pode estar presente na educação no sentido de poder orientar o professor quando isso for necessário.

## Freud e a Educação

Freud sempre expos a vontade de que a psicanálise não ficasse limitada a cura das doenças nervosa, em suas apresentações sempre fez questão de lembrar ao público sua vontade de um dia poder levar a teoria para além da clínica.

Num primeiro momento, ainda antes das descobertas sobre a sexualidade infantil, Freud já levantava questões sobre a necessidade de transformações na área da educação, pois acreditava que ela era responsável pela profilaxia da Neurose e também da perversão. Até então a educação parecia ser responsável em assegurar para a sociedade burguesa a castidade dos adolescentes.

Com a descoberta da sexualidade infantil, o interesse pela educação também toma maiores proporções, pois o período considerado escolar, principalmente o período que conhecemos no Brasil como sendo de Educação Infantil (creches, berçários, maternais e pré) estava diretamente relacionado ao período mais importante de desenvolvimento do sujeito e era impossível negar sua influência sobre ele.

Segundo Freud, 1915, o sujeito estará completamente formado já aos quatro ou cinco anos de idade e depois disso irá manifestar o que até então se havia depositado nele.

Embora Freud admitiu não ter contribuído muito com estudos específicos sobre as aplicações da psicanálise na educação, ele ressaltou sua importância para a criação de uma nova geração, e não deixou de marcar sua obra com textos que nos levam a pensar sobre o tema.

Após a descoberta da sexualidade infantil, Freud desconsidera que a educação possa ser a principal responsável pelo controle da atividade sexual, e pela profilaxia das neuroses, embora enfatize sua importante contribuição sobre ambas, principalmente no que diz respeito a sua contribuição como auxiliar da natureza na formação dos sentimentos morais e sua tarefa na transformação da sexualidade infantil.

Em seu texto *Três Ensaio*, assim como também em Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, o autor fala sobre a importância de conhecermos quais são as tarefas da educação para com a sexualidade infantil e seu desenvolvimento, suas responsabilidades e também o reconhecimento de seus limites.

Em nenhum momento Freud diz que o professor deveria se abster de seu papel sobre o desenvolvimento sexual da criança, o que ele diz é que cabe a educação auxiliar no processo de organização das pulsões parciais até alcançarem a primazia dos genitais, e que nos casos em que as pulsões parciais por algum motivo não consigam alcançar naturalmente esse objetivo, cabia à educação ajudar a encontrar uma saída aceitável socialmente pelo caminho da sublimação e da formação reativa.

A educação ocupa um lugar de grande responsabilidade no desenvolvimento infantil e sua contribuição não é algo fácil e muito menos simples de ser alcançado. Freud parece evidenciar essa questão quando choca o público com sua afirmação, no prefácio à obra de Aichhorn, de que existem três profissões impossíveis, e uma delas, é a educação.

Freud (1937/2006). *“Há muito adotei o dito espirituoso dos três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar.”*

Este aforismo Freudiano foi inspirado na *“Crítica da razão pura”*, de Kant. Freud adicionou o “curar” ao “governar” e “educar”, que já haviam sido colocados por Kant.

Impossível neste caso não querer dizer necessariamente que não possam ser cumpridos. Podemos pensar que o significado do “Impossível”, no aforismo de Freud pode estar relacionado com a forma pela qual os objetivos tentam ser alcançados. Os caminhos para se chegar a um objetivo podem ser traçados de tal maneira que sua concretização se torne impossível. Isto não significa que o objetivo não possa ser alcançado, mas que os meios escolhidos para alcançá-lo precisam ser repensados.

Freud também tem suas críticas à educação, principalmente no que diz respeito aos excessos de repressão da vida sexual infantil, que pode vir a comprometer o desenvolvimento das crianças.

As principais críticas de Freud a educação são justamente as de, ao tentar reprimir as tendências perversas e até mesmo a sexualidade genital que acontece já na adolescência, correr o risco de prejudicar o desenvolvimento infantil, e desviar-se de um de seus principais objetivos.

Outra grande crítica do autor se dá no fato de que os excessos de repressão sexual podem vir a prejudicar também o desenvolvimento da capacidade intelectual do sujeito. Se esses excessos de repressão chegam ao recalque da curiosidade sexual da criança, podem vir a recalcar e até mesmo eliminar a curiosidade intelectual, devido ao fato de que o desenvolvimento da atividade de pensar está diretamente ligado ao destino das pulsões parciais.

Desde 1907, em seu texto *O esclarecimento sexual das crianças*, Freud já se pronuncia a favor de que assuntos sobre a sexualidade façam parte dos conteúdos ensinados às crianças nas escolas.

A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem. Assim, no final do curso elementar [*Volksschule*], antes que inicie o curso intermediário [*Mittelshule*], isto é, em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana e sobre a significação social desta. A época da confirmação seria a mais adequada para instruir a criança, que a essa altura deverá ter um completo conhecimento de todos os fatos físicos, sobre as obrigações morais que estão associadas à satisfação real do instinto. Um esclarecimento sobre a vida sexual que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola parece-nos ser o único que leve em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos. (Freud, 1907/2006, p.129).

No mesmo texto citado acima, *O Esclarecimento Sexual das Crianças*, (Carta aberta ao Dr. M. Furst), o autor adentra sutilmente no campo da educação, e chama atenção sobre os possíveis prejuízos de uma educação moralista e

repressora e crítica a postura de pais e educadores quanto ao fato de se apresentarem resistentes à educação sexual infantil.

Ele nos alerta sobre a preocupação dos adultos em relação a sexualidade das crianças, sobre as muitas dúvidas que esses têm sobre o assunto e principalmente a dificuldade de tratar deste tema com crianças na primeira infância.

Observa-se que a sexualidade infantil parece não fazer parte dos conhecimentos do mundo adulto, pois esses demonstram não saber bem como, quando e por que se deve falar de sexualidade com crianças pequenas. Os adultos não conseguem falar da sexualidade infantil, porque não conseguem nomear o que neles está recalcado, tornando-se estranho a sua infância para eles mesmos.

Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa própria infância. A psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da Infância. (Freud, 1913/2006, p. 190)

Grande parte dos indivíduos adultos entende que existe um momento certo para iniciar o esclarecimento sexual de um indivíduo e que este momento deve ocorrer o mais tardiamente possível, se possível na puberdade ou no início da vida adulta quando já não se pode mais protelar as conversas sobre o assunto.

Em sua obra Freud aponta alguns dos motivos que podem levar o adulto a tentar ocultar as questões sexuais da vida da criança.

E entre esses motivos ele destaca a possível ignorância teórica sobre o desenvolvimento infantil, no que diz respeito a sua sexualidade. Muitos adultos acreditam que a criança pequena não tem sexualidade e que está só começando a apresentar-se na puberdade, acreditando que os instintos sexuais estão exclusivamente ligados a maturação dos órgãos sexuais.

Muitos adultos ignoram o fato de o ser humano ser um sexual desde o seu nascimento, porque estabelecem uma relação única e exclusiva entre sexualidade e genitalidade.

Além da sexualidade já estar presente na vida do ser humano desde o nascimento, também o interesse pelas questões sexuais inicia muito cedo, normalmente na primeira infância, quando as crianças são ainda muito pequenas. Eis aqui mais um dos motivos pelo qual os adultos apresentam resistência e dificuldade em tratar do assunto com as crianças.

Freud, porém, enfatiza a importância do esclarecimento das questões sobre sexualidade das crianças para o desenvolvimento psíquico desta e ressalta que não é necessário que se faça mais mistérios sobre o assunto do que o necessário. Ele nos diz que este esclarecimento deve acontecer de forma gradativa, à medida que a criança vai apresentando interesse por determinados assuntos, e que qualquer explicação deve ser adequada a idade e condições de entendimento de cada criança, sem explicações extremamente complexas, a sexualidade deve ser tratada da mesma forma como são tratados todos os outros assuntos que a criança apresenta interesse.

Estou convicto de que nenhuma criança – pelo menos nenhuma que seja mentalmente normal e menos ainda bem-dotada intelectualmente pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos anteriores à puberdade. (Freud, 1908/2006, p.191).

Dentre muitas questões sobre a sexualidade que as crianças vão apresentar, podemos apontar uma como sendo a primeira grande questão: De onde vem os bebês?

A curiosidade sobre origem dos bebês é comum a todas as crianças, podendo ser despertada precocemente nas crianças cujas famílias estejam à espera de um novo integrante, sendo a criança surpreendida com a notícia da chegada de

um irmãozinho ou até mesmo de um primo. Porém, independente deste fato, todas as crianças consideradas “normais” chegam a esta questão.

Muito comumente esta questão está ligada ao medo da perda de um lugar privilegiado com relação à criança e seus pais, o medo de perder o amor, o carinho e a atenção destes e a percepção de que terá que dividi-los com o novo bebê, ajudam na aceleração dos questionamentos e dos questionamentos sobre a origem deste que “chega para atrapalhar seus planos”.

A criança endereçará suas dúvidas aos seus pais, ou aos adultos de sua convivência e confiança que acredite ter as respostas. Porém como é muito comum na maioria das famílias, essas respostas vêm na maioria das vezes envoltas em mistérios, fábulas e histórias fantasiosas.

Normalmente essas respostas cheias de fantasias, que envolvem seres de outras espécies e que dizem que os bebês são trazidos como presentes para as famílias, não atende as expectativas das crianças, até porque elas acompanham o crescimento das barrigas das mães ou mulheres da família, ou ainda outras mulheres conhecidas e percebem as mudanças e desenvolvimento do corpo dessas, além de muitas vezes acompanhar o pós-parto e primeiros cuidados com o novo bebê.

A decepção das crianças para com os adultos as leva a desconfiar que eles escondem delas algo que lhes é proibido. Desapontada com as respostas dadas pelos adultos e principalmente por aqueles a quem criança admira e acredita como sendo pessoas dotadas de conhecimentos sobre a vida adulta, a criança inicia suas próprias investigações em segredo.

Freud diz que neste momento a criança experimenta seu primeiro conflito psíquico, conflito este que pode se transformar numa dissociação psíquica e formar o Complexo nuclear de uma Neurose.

Esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa ‘dissociação psíquica’. O conjunto de concepções consideradas ‘boas’, mas que resultam numa cessação de reflexão, torna-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas as quais

entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose. (Freud, 1098/2006, p. 194-195).

Ainda muito pequena a criança se dá conta de que existe um campo (o campo da sexualidade) no qual o adulto faz muitos mistérios e que embora ele tenha conhecimento sobre o tema ele não quer compartilhar seus conhecimentos com ela. A partir deste momento a palavra dos pais perde o valor pelo olhar da criança. Neste momento podemos observar a origem do recalque, pois este está diretamente ligado a palavra, ao que não pode ser dito, se não pode ser dito também não pode ser pensado conscientemente.

Como já vimos anteriormente, o recalque sobre o pensar na sexualidade poderá trazer prejuízos a intelectualidade da criança, inibindo seu pensar, pois não temos recursos para recalcar o pensar em apenas um campo.

Não podemos deixar de dizer que Freud não atribui toda a responsabilidade do desenvolvimento sexual da criança e seus desencadeamentos à educação, pois reconhece que existem muitos outros fatores que contribuem para a superação dos conflitos psíquicos.

## EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE

*A psicanálise não pode interessar à Educação salvo no próprio campo da Psicanálise, isto é, pela psicanálise do educador da criança. (Mllot, 1987/1979, p. 157).*

A psicanálise pode desempenhar um papel importante no auxílio na educação, mas não pode tomar seu lugar nem se confundir com ela, tanto por sua prática quanto por questões teóricas.

A contribuição da psicanálise para com a educação não está em aplicá-la em sala de aula, diretamente aos alunos como uma metodologia educacional, pois pedagogia e psicanálise são disciplinas que se opõem por estrutura.

A princípio a interpretação que se fez das obras freudianas é de que a contribuição possível da psicanálise para com a educação que se faz pela via dos educadores, quando podemos colocá-los em contato com a própria análise, auxiliando-os a mudar seu olhar para com seus alunos em sala de aula. Desta forma podem se questionar quanto a sua ética, prática e metodologias até então escolhidas para desempenhar o trabalho de ensinar.

A Psicanálise pode transmitir ao educador (e não à Pedagogia) uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir, em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Cessa aí, no entanto, a atuação da Psicanálise. Nada mais se pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo de que se constitui essencialmente a aventura freudiana. (Kupfer, 1989, p. 97).

Na carta 38, entre Freud e o pastor Oscar Pfister, de 1913, podemos observar um pensamento, ainda que muito discreto por parte de Freud, na direção da possível conexão entre esses dois campos, através do apoio a análise pessoal dos professores. Diz ele:

Viena, IX., Bergasse 19

1.1.1913

Caro doutor,

Os melhores agradecimentos pela saudação de Ano Novo. Visto que todos nós damos importância a prazos, deixe-me desejar-lhe que este ano o estimule para a conclusão do seu trabalho.

O Senhor e Messmer ficarão satisfeitos com o modo determinado com que pretendo defender o direito dos pedagogos à análise. (Freud, 1998/2001, p. 80 e 81)

A proposta de Freud sobre a aplicação da psicanálise a educação não está relacionada a uma reforma educativa, mas sim na possibilidade de fazer com que os professores e pais possam ter um outro entendimento sobre as questões da infância.

A primeira infância é de suma importância no desenvolvimento do sujeito, mais precisamente os primeiros 5 anos da vida de uma criança são considerados os anos mais importantes da constituição psíquica do sujeito, principalmente pelo surgimento da sexualidade e as marcas que o desenrolar desse período vão deixar na vida adulta.

Na infância, ainda muito pequena, a criança se depara com uma sociedade bastante evoluída, tendo um prazo muito curto para entender toda a história da evolução cultural que se deu muito antes da sua existência. É esperado que a criança se adapte a ela e as suas exigências, num período que também entra em questão o controle de suas pulsões.

O capitalismo traz consigo uma criança que inicia a vida escolar ainda muito pequena. As conhecidas creches, berçários, maternais e tantas outras

instituições destinadas aos cuidados de crianças pequenas, ainda na primeira infância, crescem pelo mundo acompanhando o desenvolvimento econômico de cada país e marcam a entrada da criança no ambiente escolar já pela educação infantil. A Educação Infantil não é obrigatória em muitos países, incluindo também o Brasil, mas acaba por ser quase que mandatória principalmente pela necessidade dos pais ou dos responsáveis legais em dedicar-se cada vez mais ao trabalho em período integral ou períodos muito extensos.

A criança do mundo moderno é sem dúvida uma criança ligada ao mundo escolar, mesmo as poucas que não fazem a entrada neste mundo muito pequenas, nos berçários, maternais ou creches como são conhecidos, o farão na educação infantil, por volta dos 4 anos, que é o prazo estipulado para a obrigatoriedade de escolarização em nosso país. Desde a emenda educacional de 2013, a escolarização compulsória passou de 6 anos para 4 anos, iniciando na educação infantil e não mais no ensino fundamental como era até então.

Ou seja, antes mesmo de completarem 5 anos de idade as crianças do mundo contemporâneo já passam a maior parte de seus dias fora de suas casas, com outras pessoas, além de seus pais.

No Brasil, temos algumas famílias que são a favor da “desescolarização” ou “unschooling”, ou seja, do ensino informal, domiciliar: O Ensino domiciliar acontece pelos próprios pais, que ocupam o lugar de professor, ou por professores particulares contratados. A educação domiciliar tem como pressuposto fugir das regras e objetivos da escola formal, além de terem a liberdade de optarem por uma programação com conteúdos diferenciados, que são escolhidos partindo dos interesses da criança.

Algumas famílias tentam garantir esse direito legalmente através de processos contra o Estado. O argumento dessas famílias está baseado no fato de entenderem que a criança não está sofrendo abandono intelectual, e que oferecem a elas uma educação mais interessante e de melhor qualidade do que a educação tradicional oferecida pelo estado ou mesmo pelas escolas particulares.

A crítica a este tipo de educação está muito mais relacionada ao prejuízo em relação ao desenvolvimento social da criança do que aos conteúdos e dispositivos de ensino propostos, até porque, a condição de aprendizado e de transmissão não se dá simplesmente pela condição cognitiva do aprendiz, pelos conhecimentos do professor, ou pela recepção de informações, está ligada as questões subjetivas de cada um desses indivíduos.

Educadores e estudiosos dizem que os conteúdos curriculares que não forem aprendidos dentro do cronograma do estado poderão ser aprendidos depois, em outro momento durante a vida do sujeito, porém no que diz respeito a socialização, esta é singular, uma vez que é no ambiente escolar que a criança será inserida num contexto social e cultural fundamental para o desenvolvimento emocional de todo sujeito em formação.

“A grande vantagem da escola é a possibilidade de sair da família”, diz o filósofo e ex-ministro da Educação Renato Jaime Ribeiro” (Angela. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 12 de fev. 2017)

A escolarização marca a entrada do sujeito no social, lhe proporcionando a oportunidade de criar laços com seus pares e outros sujeitos, muito além daqueles que constituem a sua família. É a partir deste momento que a criança passa a ter sua identidade social, constituindo-se como um ser individual e pode ser reconhecido como sujeito, representado pela sua singularidade e por seus desejos.

A importância da educação para o desenvolvimento do sujeito é inegável, pois muitas das modificações e adaptações necessárias para a vida social só serão possíveis de serem alcançadas com seu auxílio.

Freud aponta como sendo uma das tarefas principais da educação, a de ajudar a criança a controlar sua pulsão, pois como sabemos, sem esse controle a vida em sociedade torna-se muito difícil. A educação não pode abster-se da tarefa de ajudar a criança a adequar-se a ordem estabelecida pela sociedade, porém espera-se que essa tarefa aconteça da forma mais sadia possível.

Como sabemos a supressão da pulsão pode levar o sujeito ao adoecimento psíquico, assim como métodos educacionais de supressão forçada ou controle

das pulsões podem levar ao caminho da repressão, desenvolvendo a predisposição à neurose.

Desta forma, caberá a educação encontrar um caminho para ajudar a criança no controle de suas pulsões tentando causar o mínimo de prejuízo ao seu psiquismo.

O caminho e os métodos educacionais a serem escolhidos para esta tarefa é trabalhoso e precisará ser constantemente repensado e adequado ao grupo. Com salas de aulas com aproximados 35 alunos por turma, no caso de escolas públicas Brasileiras, e na maioria das vezes mal estruturadas, o professor não tem condições de adequar o trabalho em sala de aula individualmente, aluno a aluno, pois se pensarmos por essa via podemos concluir que essa exigência poderia transformar o ato educativo em uma missão realmente impossível.

Um das principais críticas de Freud a educação é justamente sobre o prejuízo da repressão excessiva e seus efeitos patogênicos da pulsão e do recalque. O excesso de repressão ao invés de auxiliar no desenvolvimento da criança, acaba por recalcar a curiosidade sobre o assunto da sexualidade humana, podendo afetar a intelectualidade humana, causando grande prejuízo, uma vez que é sabido que o desenvolvimento do pensar está relacionado ao caminho que percorrerá também as pulsões parciais.

Mesmo sabendo que as questões subjetivas de cada criança são diferentes umas das outras e que um mesmo método não terá a mesma função para todas, é preciso encontrar um caminho, e desenvolver seu plano de aula de forma que as atividades propostas correspondam a demanda do grupo. Caberá ao educador também adequar suas atitudes afetivas e de autoridade sobre seus pequenos alunos.

A escolha de métodos de ensino faz parte do trabalho pedagógico e do dia a dia do professor, porém do ponto de vista psicanalítico os métodos escolhidos para a transmissão do conhecimento não são suficientes para garantir o despertar do desejo de aprender da criança.

Os professores tem pleno conhecimento de que é indispensável despertar na criança o desejo de aprender, e para isso usam das mais diversas estratégias

pedagógicas para desenvolverem seus programas. Porém há algo de muito importante nesse processo que parece lhes escapar, algo que está relacionado ao mundo interno do sujeito. Os professores parecem não levarem em conta a importância das fontes libidinais do desejo de saber e a influência inibitória do recalque sobre a curiosidade intelectual.

É preciso pensar nessas crianças como seres desejantes e dar-lhes a possibilidade de falar sobre seus desejos. Os objetivos pedagógicos, por mais importantes que sejam para o desenvolvimento do sujeito e de sua intelectualidade, não pode sobrepor-se a ética humana. A Educação pensada por Freud coloca como essencial o respeito à criança.

Freud diz que os adultos tem dificuldade em entender as crianças porque são estranhos a sua própria infância. A amnésia infantil, o esquecimento da própria infância, o que foi recalcado dificulta ao adulto ao reconhecimento da sexualidade da criança. Desta forma o recalque sofrido pelo educador em relação a sua sexualidade infantil não permite eu ele possa reconhecer essa sexualidade em seus alunos e muito menos dar-lhes a possibilidade de colocar em palavras questões sobre o assunto.

Se pensarmos que existe uma relação entre os excessos da repressão na educação e o conteúdo sexual recalcado nos professores e pais, podemos entender também um dos motivos que leva Freud a sugerir a análise pessoal desses.

Precisamos pensar nos educadores, naqueles que estão à frente dos processos educacionais, mais precisamente nas condições emocionais subjetivas desses. Portanto aqui cabe pensarmos na proposta de Freud sobre a participação da psicanálise na educação, mas não no sentido de apresentar aos professores conceitos psicanalíticos, ou mesmo propor-lhes uma formação psicanalítica. A proposta de Freud não tem o objetivo de preparar os professores para ocupar o lugar de analistas de seus pequenos alunos, pois como ele mesmo coloca não é possível desempenhar os dois papéis ao mesmo tempo, o analista não pode sobrepor-se ao educador pois ocupam papéis inversos.

Freud não propõe uma educação analítica, pois abandona a ideia de que a educação poderia ser a única responsável pela profilaxia da neurose e da perversão. Sua proposta é de que a psicanálise possa contribuir à pedagogia através dos professores e até mesmo dos pais, através do processo da análise pessoal desses. Freud aposta num trabalho preventivo, pensando que a análise possa possibilitar aos adultos acesso as suas próprias questões infantis.

Se os adultos puderem reconhecer os malefícios de sua própria educação, abrir-se-ia uma possibilidade de ter mais clareza sobre as questões infantis, ou seja, um novo olhar, sobre a infância, sobre seus filhos e alunos, poderia ajudá-los em seu desenvolvimento.

Desta forma a análise pessoal dos professores seria muito benéfica a eles, à educação e aos alunos.

A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática. (Freud, (1933 [1932] /2006, p. 148.

Desta forma os educadores que tenham a possibilidade de experimentar o processo de análise, sendo eles professores ou não, podem ter melhor desempenho no papel de auxiliar a criança em seu desenvolvimento, e até mesmo auxiliar a criança no processo de dominação de suas pulsões, correndo um risco menor de usar métodos forçosos na tentativa de controle dos instintos infantis.

Talvez esta seja uma das maneiras possíveis de contribuição da psicanálise para com a educação, uma vez que seja possível ao educador reavaliar sua prática e seu olhar sobre seus alunos, colocando-se como alguém disposto a escutá-los. O Educador, muito diferente do analista não precisa restringir o trabalho em sala de aula nem mesmo abster-se em responder a demanda do outro, podendo ir além da sala de aula e do contato professor\aluno, promovendo a circulação da palavra através de encontros e discussões necessárias entre os profissionais que trabalham na escola, e também professores e pais. Ou seja, tornando o ambiente escolar além de um local onde circula o saber, em um lugar de escuta,

onde a palavra possa circular livremente, podendo ele responsabilizar-se pelo processo educativo.

Acreditamos que por essa via, a psicanálise pode auxiliar na educação além de evitar tantos encaminhamentos desnecessários de alunos à profissionais das áreas da psicologia, psicanálise e psiquiatria.

*O termo pedagogia-psicanalítica não recobre o conjunto das incursões psicanalíticas na educação. Entende-se por tal a pretensão de se encontrar uma educação “no ponto”, ou seja, uma matriz de intervenções junto às crianças capaz de vir a convertê-las em adultos sem padecimentos psíquicos. (Lajonquiere, 2002, p. 114)*

Lajonquiere (2002) diz que este tipo “pedagogia psicanalítica” que mistura um pouco de pedagogia e um pouco de psicanálise com objetivos profiláticos em relação a neurose e a perversão, não são aceitáveis nos dias de hoje.

Segundo Lajonquière (2002), Freud, em seu texto Lección XXIV, enterra qualquer esperança de uma profilaxia junto às crianças, mas não perde a esperança de que a partir da análise de pais e educadores possa haver uma saída melhor para a educação.

Não podemos deixar de mencionar outro importante apontamento de Freud sobre as responsabilidades da educação: a educação para a realidade. Devendo ser esse também seu objetivo.

Quando Freud diz que é preciso que a escola eduque para a realidade, ele não está se referindo apenas a realidade externa social. Educar para a realidade vai muito além de ajudar a criança a reconhecer a realidade externa do mundo social que a cerca e adequar-se a ela na tentativa de sobreviver a ela da melhor forma possível a suas exigências.

Freud critica os métodos educacionais tradicionais justamente por não considerarem a educação para a realidade, ou seja, os métodos utilizados na nova sociedade capitalista favorecem a educação para a ilusão, educação esta que nega o desejo, não prepara a criança para entender a sexualidade como algo natural ao ser humano e nem ao menos os prepara para considerar sua

importância, além de não prepará-los para perceber as próprias tendências agressivas.

A educação para a ilusão se esforça por adequar todos às ilusões pelo viés da proibição de pensar, no qual Freud vê simultaneamente o fundamento e a meta das práticas educacionais. E é um espectro o que Freud nos dá a ver nesse homem “feito” que apresenta diante da criança resplandecente algo como a imagem embaçada de seu futuro de educado. (Milot, 1987, p.105)

Educar para a realidade: “realidade psíquica” que constitui o inconsciente, ou seja, educar de forma que a criança tenha condições de levar em conta a realidade psíquica do ser humano, percebendo-se e percebendo aos outros a sua volta como seres desejantes.

Essa não é uma tarefa fácil ao professor e mais uma vez podemos pensar o quanto seria benéfico a ele a possibilidade de vivenciar a análise pessoal, podendo através dela ter a possibilidade de reconhecer essa outra realidade entrando em contato com seus próprios desejos e percebendo-se ser desejante.

Mais uma vez podemos observar a importância do professor como um sujeito que pode ajudar a criança a entrar em contato com essa realidade psíquica.

Se a criança puder ver seu professor como alguém que deseja, capaz de reconhecer a realidade psíquica e além disso, um Outro que se interessa pelos desejos infantis, abre-se uma porta para que a transmissão se torne possível.

## SEXUALIDADE, MORALIDADE E SABER

Freud aponta para os prejuízos causados pelos excessos da moral sexual civilizada para a saúde do homem. A moral sexual civilizada impõe ao homem muitas restrições e sacrifícios em relação a suas escolhas sexuais, sendo imposto a ele o casamento monogâmico a fim de que a reprodução seja realizada dentro do casamento, limitando sua sexualidade a serviço da reprodução.

A repressão à vida sexual do homem moderno está diretamente ligada a tentativa de anular suas pulsões, sendo obrigados ao adiamento das satisfações, os indivíduos desenvolvem novas doenças e a população contemporânea apresenta cada vez mais distúrbios nervosos.

O desenvolvimento da civilização transforma a vida do homem urbano moderno em uma vida mais sofisticada, mas também muito mais agitada e corrida. Com a ascensão do capitalismo o homem vai sendo cada vez mais cobrado e estimulado ao trabalho excessivo.

Em seu texto *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* de 1908, Freud questiona: Qual a relação entre os possíveis efeitos nocivos dessa renúncia (renuncia a toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo) e seus proveitos no campo cultura?

...à tarefa de dominar um instinto tão poderoso quanto o da pulsão sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo. O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente. (Freud, 1908/2006, p. 178).

Freud nos chama a atenção para as interligações existentes nas nossas instituições culturais e a impossibilidade de alterar qualquer uma delas sem prejudicar o todo.

A dificuldade do homem em tentar controlar e ou evitar os pensamentos que envolvem questões sexuais e que lhe são tão instintivas leva a instalação da neurose e pode também acarretar outros problemas além daqueles ligados as próprias questões sexuais, como impotência e frigidez. Na tentativa de atender as obras culturais o sujeito é levado ao empobrecimento interior, empobrecimento este que refletirá nas várias relações pessoais e culturais.

Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribuía para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com frequência bem maior produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes. (Freud, 1908/2006, p. 181).

A tentativa de inibição das pulsões sexuais, e de afastamento dos desejos dos sujeitos pode trazer prejuízos para além do campo da sexualidade, prejuízos esses que podem se estender para várias outras áreas na vida do homem contemporâneo, principalmente no que se refere ao desenvolvimento do pensar. Não é possível que o pensamento seja inibido apenas no campo da sexualidade, sem desorientá-lo em outros assuntos.

A marca da civilização está na repressão das Pulsões, na renúncia do desejo.

“...o objeto da pulsão não é o da necessidade”

(Kupfer, 2007,p.27, apud Freud, p. 2513)

Se o pensamento do sujeito fica reprimido, o conhecimento pode perder seu valor e conseqüentemente isso terá reflexo em outros campos, como também na

intelectualidade, na educação e no aprender. Pulsão sexual e pulsão de saber são dois lados de um mesmo movimento pulsional, sendo assim não é possível a repressão da pulsão sexual sem causar danos a pulsão do saber.

Os tabus que recaem sobre a sexualidade também bloqueiam a investigação científica: a interdição que pesa sobre o sexo também pesa sobre o pensamento. (Milot, 1987, p. 15.)

Quando o sujeito se vê em meio ao conflito entre as exigências da moral sexual, a doença se torna um refúgio contra os desejos. A inibição dos pensamentos sexuais pode levar a instalação da Neurose.

A meu ver, a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal. (Freud, 1908/2006, p.179).

...os indivíduos adoecem quanto, por obstáculos exteriores ou ausência de adaptação interna lhes falta *na realidade* a satisfação das necessidades sexuais. (Freud, (1910[1909]) / 2006, p. 60).

A doença assim funciona como um refúgio, e é através dela que o sujeito caminha a procura de uma satisfação substitutiva. A possibilidade de cura para esses indivíduos não é simples e nem fácil, pois a resistência à cura se manifestara por vários elementos, o ego do doente pode se recusar a desfazer a repressão e também o instinto sexual pode não renunciar à satisfação substitutiva instalada, pois tendo o sujeito conhecimento que não é admissível a nenhum individuo demonstrar seus desejos eróticos abertamente, ele duvida que a realidade lhe ofereça algo melhor.

O pai da Psicanálise diz que além de evitar a neurose, cabe também a educação a possibilidade de evitar a perversão. Mais precisamente características da perversão que não sejam toleradas pela sociedade. A perversão por ela mesma não é prejudicial ao sujeito, a não ser que seja associada a um conflito psíquico e acompanhada de sofrimento, porém mesmo quando não há conflitos

psíquicos, existe a possibilidade de ocorrências com o meio social que também podem ocasionar sofrimento psíquico.

Como podemos observar quando pensamos em saúde psíquica, tanto em relação a neurose como em relação a perversão, o indicador do nível de saúde está intimamente condicionado as questões sociais, ou seja, o sofrimento individual do sujeito não é o único aspecto a considerar para pensarmos em saúde do psiquismo humano, pois é preciso levar em consideração também a relação desse sujeito com o social que o cerca.

Apesar de todas as observações feitas por Freud sobre a importância da sexualidade na vida do sujeito, diferente do que se possa entender, ele não é a favor da liberdade sexual completa e muito menos de uma educação permissível, sem limites ao sujeito. O pai da psicanálise tinha conhecimentos sobre a natureza perversa da sexualidade e via na educação um caminho possível para o encaminhamento dos componentes perversos da sexualidade para a cultura, através da sublimação, ou seja, através de deslocamento da pulsão para fins não sexuais. Contudo Freud não deixa de observar que a possibilidade de sublimação de um impulso tão poderoso como o da pulsão sexual não é suscetível a todos os sujeitos.

Embora Freud soubesse que a havia na sexualidade uma fonte independente de desprazer e que o desprazer é inevitável ao sujeito, pensava na necessidade da civilização se desenvolver de forma que as exigências da sexualidade humana não fossem vistas como um problema, como algo que faz parte dos instintos mais baixos do ser humano, algo que precisa ser recalcado, escondido. Sua aposta está em uma civilização que consiga pensar além da liberalização da sexualidade, e dos costumes sexuais, mas na direção da liberação da palavra e do pensamento. Uma das grandes questões do homem contemporâneo está diretamente ligado a impossibilidade de dizer, conceituar e nomear.

Para a psicanálise, a linguagem vai muito além de um instrumento de comunicação. A linguagem pelo olhar psicanalítico é o tecido pelo qual o sujeito

é constituído. O sujeito do inconsciente se dá pela linguagem. Podemos dizer que habitamos a linguagem e por ela somos habitados.

O pai da psicanálise diz que no centro da vida psíquica do homem moderno tem um vazio, uma falta. E na tentativa de preencher essa falta vai vivendo o que é possível a ele, tentando sempre preencher esse buraco e o recurso utilizado por ele nessa tentativa de preenchimento é a palavra.

O trabalho psicanalítico se dá justamente através desse recurso: da palavra; pois é justamente a dificuldade em nomear algo, de expressar nossos vazios através de uma palavra verdadeira que dá origem ao sintoma. Assim o trabalho de cura analítica está em possibilitar ao sujeito através da linguagem, encontrar palavras verdadeiras e singulares à sua própria história psíquica que possam substituir o sintoma.

A neurose é fruto de uma mentira que não passa de uma falta de palavra, que só nasce pela falta de uma palavra, e é quase sempre uma mentira piedosa imposta pela hipocrisia geral e pela educação bem-pensante, ou seja, aquela que proíbe pensar. (Milot, 1987, p.16)

Ao entendemos que a palavra é poderosa a ponto de ser o princípio da possível cura analítica, podemos pensar que também é a partir dela a educação pode contribuir com o desenvolvimento da criança a fim de auxiliá-la a superar os conflitos psíquicos.

## **A CRIANÇA E O OUTRO**

Proponho pensarmos agora na relação que se estabelece entre educador e aluno e no caminho que eles podem percorrer juntos tornando possível a transmissão.

Pensamos que o que Freud chama de transferência, na relação analítica possa acontecer também na relação professor/aluno.

Embora Freud utilize este termo como ferramenta principal no tratamento psicanalítico, ele também aponta para a importância deste fenômeno em outras situações, quando as relações humanas são muito estreitadas, como no caso da relação existente entre o professor e o aluno.

Porém não podemos deixar de nos atentar ao fato de que a posição ocupada pelo professor em relação ao aluno é diferente da posição ocupada pelo analista em relação ao analisando, o professor ocupa um lugar que deve ser negado pelo analista, que é o lugar de modelo para a criança, o que podemos nomear como sendo a posição de ideal do eu, posição que não pode ser ocupada pelo analista.

A transferência implica uma suposição do saber por parte do aluno, que vai fundar a autoridade do professor. Cabe a este sustentar o que o aluno lhe endereça, pois a partir daí podemos pensar que o ensinar pode se tornar possível.

Mesmo que este professor esteja preparado e consciente de seu papel na vida do aluno, e evite influenciá-lo, estamos falando de um lugar onde não se pode ter garantias de controle. O professor não pode controlar sua influência sobre a vida de seus alunos, mas deve evitar qualquer tipo de influência consciente, no intuito de fazê-lo pensar conforme seus ideais.

O ato de conhecer, ou seja, de aprender está ligado as questões referentes a sexualidade, gozo e outras questões inconscientes de cada sujeito.

Para entender como a aprendizagem acontece precisamos destacar alguns fatores que acontecem na vida do sujeito ainda antes de sua iniciação no ambiente escolar, na verdade antes mesmo de sua existência.

A criança chega na escola já com uma história, uma história que se inicia mesmo antes de seu nascimento, através do desejo dos pais, pois é pelo desejo deles que essa criança vem ao mundo. O bebê já nasce carregado de desejos que o precedem, logo se depara inconscientemente com as fantasias dos próprios pais.

Para constituir-se sujeito o bebê precisa de um terceiro, “uma mãe”, um sujeito que tenha disponibilidade de cuidá-lo, ou seja, que faça a função materna, e que lhe proporcione um lugar no mundo. O bebê humano é um ser que não sobrevive só após o nascimento, não é possível a esta pequena criatura alimentar-se sozinho, nem mesmo manter-se aquecido e protegido, ele precisa de um Outro que lhe proporcione isso.

O bebê humano para se constituir precisa se alienar ao Outro. Esse bebê para constituir-se sujeito ele precisa de um outro, outro que vai cuidá-lo e garantir que ele sobreviva. Porém mais do que cuidados de alimentação e higiene, esse outro precisa ter para com esse bebê um “olhar” que vai muito além desses cuidados que vai permitir que se humanize.

Embora essa mãe, ou seja, esse Outro cuidador seja indispensável nos primeiros cuidados na vida do bebê, ainda muito pequena a criança precisará desligar-se dela (da pessoa que faz a função materna). É preciso que ocorra uma “separação”, e para que isso aconteça é importante que essa “mãe” considere que esta criança está se tornando um “outro” sujeito.

Esse desligamento se faz possível através da entrada de uma nova pessoa na relação: o pai, ou outra pessoa, algo que venha fazer a função paterna, fazendo um corte nesta relação, estabelecendo simbolicamente a separação destes e marcando diferenças nas relações entre pais e filhos. Como estamos nos referindo a uma função simbólica, não é imprescindível que seja o pai biológico que venha a desempenhá-la, qualquer outra pessoa pode desempenhá-la,

desde que este faça parte da relação triangular da criança com a mãe e possa ocupar este lugar.

A criança precisa distanciar-se das necessidades narcísicas dos pais para poder constituir-se como sujeito, como ser individual e assim poder seguir sua vida. Embora seja muito importante para a criança que ela seja “concebida” inicialmente num outro, também é imprescindível esse distanciamento para que lhe seja possível constituir-se subjetivamente.

Estamos nos referindo ao Complexo de Édipo, momento de socialização, de humanização, de entrada no simbólico e apropriação da criança em relação ao seu desejo, em relação ao seu inconsciente.

O complexo de Édipo consiste na superação da relação dual da criança com sua mãe e no acesso a ordem simbólica, o que requer a existência de um terceiro termo cuja função é introduzir a essa ordem e tornar-se seu garante. A função paterna consiste nessa função de garante. O pai constitui, para a criança, a referência a uma Lei que vale para todos, Lei que se impõe à mesma na medida em que é reconhecida pela mãe. Esta introdução em uma ordem que a ultrapassa põe fim à relação dual entre criança e mãe, relação que, se não ocorresse, ficaria abandonada ao “capricho” e à desmesura. Essa Lei se inscreve no inconsciente sob a forma de proibição do incesto, proibição, proibição que barra o acesso à mãe como supremo objeto de gozo, tornando-se um bem proibido o que seria “O Soberano Bem”, e ao mesmo tempo sanciona, a nível do simbólico o impossível “reencontro” com esse objeto, do qual Freud demonstra bem que já está perdido desde sempre, só se constituindo como perdido. (Milot, 1987, p. 122)

O sujeito se constitui a partir do campo do Outro e sofre seus efeitos durante a vida. É impossível separar sujeito e Outro em sua estrutura simbólica.

Nos constituímos como um sujeito faltante, que carrega consigo durante a vida a fantasia que o Outro vai dar conta da sua própria falta. Assim é o sujeito para a psicanálise.

Vemos aqui a operação Edípica que vai inscrever o sujeito no lugar de sujeito do desejo. A este sujeito faltante e desejante, a presença do outro é imprescindível para que ele caminhe na direção do investimento e apropriação do

conhecimento. Assim, para o desenvolvimento do conhecimento acontecer é necessário haver um Outro que deseje e invista no sujeito da aprendizagem.

O lugar que o professor ocupa na vida psíquica de uma criança está ligado à qualidade das relações estabelecidas desta criança com seus pais já nos primeiros anos da sua vida; ou seja, aos primeiros objetos de amor da criança.

Diz Freud (194/2006, p. 248) “Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos”.

Seus relacionamentos posteriores são assim obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, defrontam-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. (Freud, 1914/2006 p.249).

Desta forma podemos pensar que o Professor será inserido numa das séries psíquicas que a criança já formou com seus primeiros objetos de amor.

Não podemos deixar de destacar que entre todas as pessoas que nos relacionamos no início de nossas vidas e que fazem parte de nossa herança emocional, a figura do “Pai”, ou daquele que faz a função paterna é uma das mais importantes na vida de um sujeito.

A relação do sujeito com o pai, torna-se logo no início da vida da criança como uma relação de ambivalência emocional. Ao mesmo tempo que um sujeito ama seu pai e o admira como a melhor e maior criatura existente, também o percebe como alguém com quem terá que “rivalizar”, que o separa de sua “mãe”, alguém que deve ser eliminado para que possa tomar seu lugar.

O professor também ocupa um lugar especial vida do sujeito, uma vez que irá compartilhar com ele muitas horas do seu dia, numa posição quase sempre de superioridade, de alguém que irá lhe ensinar algo que ele não aprenderá sozinho. O professor será assim também tomado como modelo, inconscientemente, pela criança como substituto de seus pais.

Podemos pensar também na importância do professor na vida do pequeno aprendiz, que podendo ocupar este lugar do Outro, pode vir também a contribuir para sua constituição como sujeito.

Em seu texto: Algumas reflexões sobre a Psicologia escolar de 1914, Freud conta, em um pequeno recorte sua experiência como aluno e destacando a importância do professor na vida de uma criança.

Nós os cortejávamos ou lhe virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre eles formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossas mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamos-nos de sua excelência, seus conhecimentos e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e respeitá-los. (Freud, 1914/2006, p.248).

Observamos nos trechos que também na relação de aluno e professor, assim como na de filho e pais a relação de ambivalência emocional se repete.

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. Até mesmo o automatismo (visto pela Psicanálise como um sintoma) supõe a figura imaginada de alguém que está transmitindo, através de um livro, por exemplo, aquele saber. E no caso de não haver sequer um livro ensinando, o aprender como descoberta aparentemente espontâneo supõe um diálogo interior entre o aprendiz e alguma figura qualquer, imaginada por ele, que possa servir de suporte para esse diálogo (Kupfer, 2005, p 84).

O lugar que a criança coloca o professor em sua vida é um lugar muito especial, carregada dos sentimentos da resolução Edipiana, como já vimos acima, e é partir daí que a transmissão pode se tornar possível.

O aprendizado não acontece pela necessidade de adquirir conhecimento por parte do aluno, mas pelo que o outro, no caso o professor, pode representar para o sujeito, para a criança. Há uma diferença entre ensinar e transmitir, algo acontece na relação de ensino e algo se transmite além do que o professor possa ter interesse em ensinar. A transmissão pode acontecer sem que haja a intenção consciente.

A educação acontece através da relação amorosa que se estabelece entre professor e aluno, pelo amor ao educador, pelo medo de perder seu amor, pelas vias da identificação, pelo desejo de ser reconhecido por ele e no reconhecimento de que o Outro, o professor é um ser desejante, dotado de um saber que ele não possui e da fantasia que este pode vir a preencher sua falta.

Em outras palavras poderíamos dizer que se educa menos com a teoria e mais com o que se é, através de uma identificação que causa sem saber.

Não estamos nos referindo a tentativa de moldar os alunos a imagem, semelhança ou aos ideais dos professores, pois isso não é desejável sob nenhum aspecto, embora não deva ocupar um lugar de neutralidade, o professor não pode deixar vago o espaço onde a criança pode descobrir a chave de seu desejo.

Estamos nos referindo as questões inconscientes, das quais não temos controle, pois o que está presente entre o método pedagógico aplicado e o desempenho dos alunos é justamente o Inconsciente do professor e do aluno.

## CONCLUSÃO

Freud sempre expos sua pretensão em expandir a psicanálise para outros campos além da clínica, principalmente os sociais e da cultura.

Se levarmos em consideração que a saúde psíquica é uma norma fundamentalmente social, podemos entender a relação e expectativa que se fez, sobre os objetivos da educação como uma possível profilaxia às doenças psíquicas.

Freud no início de seus trabalhos também faz uma aposta nesta direção, acreditando, que poderia haver um tipo de “aplicação da psicanálise à pedagogia”, e que a educação poderia basear-se nos conhecimentos psicanalíticos com o objetivo profilático das neuroses, diminuindo assim o sofrimento humano.

Essa ideia primeira de que uma educação adequada, baseadas nas premissas da psicanálise pudessem prevenir a neurose, a perversão e de poupar o sujeito de sofrimento, logo foram abandonadas por Freud, pois não levam em consideração a estrutura do desejo humano. Tal estrutura vai ser observada mais tarde, a medida com que as experiências psicanalíticas avançam.

No decorrer de seu trabalho Freud também faz severas críticas a civilização e principalmente aos excessos de repressão sobre a sexualidade humana, apontando como sendo essas as principais causas do sofrimento psíquico. Porém, a ideia de que a liberação sexual pudesse dar conta da felicidade humana também é abandonada por ele, que admite ter supervalorizado seus efeitos.

À medida que as descobertas psicanalíticas avançam, as experiências clínicas a levam Freud a formular a hipótese de que não é da natureza humana a satisfação e felicidade total.

Por estranho que pareça, creio que se deveria encarar a possibilidade de que alguma coisa, na própria natureza da pulsão sexual, não seja favorável à satisfação plena. Freud, (1930[1929] / 2006).

À medida que a psicanálise se desenvolve, suas descobertas, vão demonstrando claramente que a educação por si só não poder ser responsabilizada pela felicidade completa do sujeito, pois não existe um único campo capaz de leva-lo a essa satisfação plena, uma vez que este é constituído como ser faltante.

Não existe uma pedagogia analítica, ou seja, a psicanálise não pode se sobrepor à pedagogia e nem ocupar seu lugar, pois são estruturalmente opostas. Os lugares ocupados pelo educador e pelo analista na vida do sujeito também são opostos, uma vez que o educador está completamente envolvido com seus alunos no dia a dia, não podendo renunciar as suas demandas e nem mesmo ter pleno controle sobre a transmissão inconsciente que acontece entre professor e aluno. Já o analista precisa desocupar-se desse lugar, a fim de ajuda-lo a reconhecer a realidade de seus próprios desejos inconscientes. Porém ambos devem entender seus limites, evitando sobre qualquer hipótese impor aos seus alunos ou pacientes, seus próprios ideais e ou desejos.

O sujeito da psicanálise é um sujeito que se constitui como ser faltante. O Complexo de Édipo marca a impossibilidade de satisfação total do sujeito. O sujeito da psicanálise carrega consigo uma “herança emocional” que refletirá em suas relações “amorosas” por toda a vida, e este por sua vez estará sempre a espera de algo que possa completa-lo.

Apesar da desilusão de Freud sobre os efeitos profiláticos da educação, ele nunca perde a esperança de uma educação mais humana, que se baseie no respeito à criança e a auxilie o sujeito em seu desenvolvimento.

A ideia de Freud sobre educar para a realidade permanece atual, pois nos parece ainda hoje como sendo uma das formas mais eficientes de transmissão, pois o “amor” a verdade leva em consideração a possibilidade do reconhecimento dos desejos do sujeito, principalmente os psíquicos.

O papel que o professor ocupa na vida da criança é de extrema importância para o seu desenvolvimento, e é nesse “personagem” que Freud faz suas apostas quanto a contribuição da psicanálise à educação.

Desde os últimos escritos de Freud sobre o assunto até os dias de hoje nos parece que a única contribuição possível da psicanálise para com a educação, está em aplicá-la dentro de seu próprio campo, ou seja, através da análise dos professores.

Através da própria análise, o adulto terá a possibilidade de oferecer aos seus alunos algo além de uma pedagogia baseada na moral.

A transmissão diz respeito às questões inconscientes, das quais não podemos ter controle algum, não existe método ou objetivo pedagógico capaz de se sobrepôr às relações Inconsciente que podem ocorrer entre professor e aluno.

Foi necessário reconhecer que a presença do inconsciente introduz entre educador e educando um controle impossível sobre qualquer cartilha de bons procedimentos educacionais, pondo em xeque a ficção do contrato entre eles na direção de melhores resultados. (Voltoini, 2011, p.12).

Não existe garantias de uma boa educação, mas podemos esperar efeitos mais satisfatórios em uma educação onde a criança não seja vista como objeto de saber por parte de seus professores, mas como sujeito capaz de participar da própria construção de seu saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.IV/V. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1908) “Moral sexual `civilizada´ e doença nervosa moderna”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.IX. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1950 [1895]), “O A Esclarecimento sexual das crianças”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1908) “Sobre as teorias sexuais das crianças”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.IX. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1910 [1909]) Cinco lições de Psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XI. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1925) Prefácio a Juventude desorientada. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XIX. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1914) Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XIII. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud & Pfister (1909 – 1939)*. Viçosa, Editora Ultimato, 2001. 3ª edição.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação. O Mestre do Impossível*. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação. O Mestre do Impossível*. São Paulo: Scipione, 2005.

KUPFER, Maria Cristina. *Educação Para o Futuro. Psicanálise e Educação*. São Paulo: Escuta, 2007. 3ª edição.

MILLOT, Catherine. *Freud Antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MANNONI, Maud. *Educação Impossível*. Rio de Janeiro, Francisco Alves 1988.

CALLIGARIS, Contardo. *Educa-se uma Criança*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.

DOLTO, Françoise. *Os Caminhos Para a Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Psicanálise e formação de Professores: Antiformação docente*. São Paulo: Zagodini, 2018.

LAJONQUIÈRE, Leandro. Sigmund Freud, a Educação e as Crianças. *Estilos da Clínica. Revista de Psicanálise*. Vol. VII, nº 12, 2002.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. 9a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

MEZAN, Renato. "Mestre-e-Cuca: Uma abordagem Psicanalítica da Educação". *Percurso – Revista de Psicanálise*, 31-32. Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, p.183-186, 2003/2004.

PETRI, Renata. "Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica". *Estilos da Clínica. Revista de Psicanálise*, Cap V.4, n.7, p. 169-174, 1999.

PINHO, Angela. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 12 de fev. 2017.